

DOSSIÊ CORONAVÍRUS: China – o vírus de Xi Jinping

FONTE: Crisi Globale – Tradução do italiano: Rogério Freitas ([Esquerda Online](#) – 17/02)

Por trás da disseminação do coronavírus na China existe uma oligarquia autoritária capaz de criar políticas que visam minimizar os custos de saúde, aumentar a repressão e a censura no país. O regime de Xi Jinping colecionou ao longo dos anos uma quantidade incrível de erros, desastres e derrotas que levaram o país a uma crise sistêmica, da qual a epidemia em andamento é apenas o último capítulo.

A assinatura em 15 de janeiro do chamado acordo de “Fase 1” sobre tarifas entre a China e os EUA seria um alívio para Xi Jinping depois de um horrível 2019, o qual teve a revolta em Hong Kong, uma economia em crise e outros problemas sérios nacional e internacionalmente. Em apenas alguns dias, em vez do alento esperado, um pesadelo ainda pior chegou ao país: o surto de uma epidemia viral nascida na metrópole de Wuhan que depois se espalhou por toda a província de Hubei; outras regiões e outros países. Hoje é difícil prever como essa epidemia evoluirá, mas os danos humanitários já são enormes: dezenas de milhões de pessoas angustiadas sem assistência efetiva e digna na província de Hubei; além de outras cidades e metrópoles, incluindo Pequim e Xangai, já semi-paralisadas e com medo do risco de enfrentar um destino semelhante; dezenas de milhões de trabalhadores migrantes internos de toda a China que foram aos seus locais de origem no Ano Novo Lunar que não sabem se devem retornar às cidades onde têm emprego e, se voltarão, se ainda terão emprego e casa. Entre eles, é particularmente dramática a situação. São milhões, que, por uma razão ou outra, deixaram Hubei antes do fechamento de suas fronteiras em 23 de janeiro: sem-teto, emprego, renda e expostos a estigmas diversos. Os 1,4 bilhões de habitantes da

China estão cada vez mais isolados do resto do mundo, em meio a suspensões e proibições de voos ou restrições severas à entrada em muitos países.

Como se isso não bastasse, eles estão expostos ao saque dos reacionários mais sinistros, variando de loucuras racistas espalhadas pela mídia à forças de direita, assim como comentários institucionais, como os do secretário de comércio dos EUA, desejoso que as empresas americanas voltassem à produção em seu país. Enquanto isso, ninguém sabe quando exatamente se retomará o trabalho na China após os prolongados feriados lunares do Ano Novo. Ninguém sabe quando as escolas e outras instituições reabrirão, ou o que acontecerá quando milhares de pessoas (e às vezes dezenas de milhares, no caso de muitas fábricas), retomarão o compartilhamento diário do mesmo trabalho e espaço de estudo, com alto risco de contágio. Realmente é um pesadelo que se espera terminar o mais rápido possível. No entanto, o importante aqui é o significado político que a epidemia de coronavírus tem para a China, onde expôs ainda mais a crise sistêmica do país, no contexto de uma série de erros e ineficiências dos oligarcas no poder.

As responsabilidades reais podem ser encontradas em Pequim

Nos dias que se seguiram a 21 e 22 de janeiro, quando o governo chinês finalmente tomou conhecimento público do surto da epidemia em seu próprio país, não apenas a mídia chinesa, mas também a internacional, em geral elogiou as autoridades de Pequim afirmando que desta vez agiu rápida e decisivamente, ao contrário de 2002-2003 por ocasião da crise de Sars.

Muitos comentaristas ficaram impressionados com o poder chinês estatal e suas autoridades, na condução do bloqueio de Wuhan e outras cidades na província de Hubei, ou mesmo com a construção em apenas dez dias de um “hospital” (na verdade, uma “obra” feita de pré-fabricados montados). A realidade, já visível anteriormente e depois emergida em mais detalhes com o

passar dos dias, é muito diferente (para um histórico detalhado, recomendamos, entre os muitos outros disponíveis na rede, artigos de: Financial Times, China Media Project, Reuters, Straits Times, South China Morning Post, The Diplomat, Nikkei Asian Review, novamente South China Morning Post, novamente Straits Times, Washington Post, Caixin).

Mesmo antes do Natal, circulavam relatórios de todo o país dizendo o que estava acontecendo em Wuhan. Todos foram massivamente censurados pelas autoridades de estado. Já havia sido enviadas amostras médicas de Wuhan sobre o coronavírus aos institutos de saúde centralizados em Pequim e Xangai. No final de dezembro, e com toda a probabilidade já alguns dias antes, tanto a propagação de um vírus perigoso na capital de Hubei quanto a conseqüente necessidade de implementar medidas imediatas de contenção capilar estavam completamente claras, mas nada foi feito. Na prática, por pelo menos quatro semanas antes, a autoridade nacional e local permaneceram totalmente inativas, permitindo assim a disseminação de uma epidemia que poderia ter sido amplamente contida, evitando o desastre atual e a tragédia de dezenas de milhões de pessoas isoladas e abandonadas. Uma situação de verdadeiro pesadelo. A quarentena de Wuhan e de todo Hubei imediatamente pareceu como improvisação: os médicos de reforço levaram dias para chegar porque não havia ferramentas de proteção adequadas, ainda hoje não há kits suficientes para realizar testes, ferramentas indispensável para conter a epidemia. São insuficientes também o pessoal e instalações adequadas.

A primeira observação política a ser feita aqui é que, por trás dessa ineficiência, existe um problema de longa data: o regime de Xi Jinping, sempre pronto para lançar bilhões de dólares em avalanche em infraestruturas improdutivas, nunca enfrentou seriamente os problemas de ineficiência do sistema de saúde. Na China, não há atendimento médico básico, tudo se concentra no sistema hospitalar, que é constantemente sobrecarregado e ineficiente, também porque os funcionários

não são remunerados adequadamente. Além disso, o sistema é compartimentado entre alguns hospitais de categoria superior, principalmente presentes na metrópole, e outros de categoria muito inferior. Os hospitais costumam ter departamentos VIP caros que são muito mais tecnicamente avançados do que aqueles reservados para pessoas comuns, para quem eles sugam recursos. Apenas um terço da força de trabalho regular chinesa é coberta pelo sistema de saúde do estado, que cobre uma parcela maior dos custos, enquanto que a parte restante dos trabalhadores regulares e pensionistas é coberta apenas pelo sistema urbano ou rural, que cobre uma parte muito pequena (metade ou mesmo um quarto) dos custos hospitalares. Apenas 22% dos trabalhadores migrantes internos, cerca de 300 milhões, equivalentes a aproximadamente 40% de todos os trabalhadores, têm cobertura de assistência, que quando existe, é sempre a urbana de 'menor grau'. Como se isso não bastasse, não há rede adequada de farmácias ou cobertura adequada de tratamentos medicamentosos. Tudo isso certamente não é resultado de uma simples incapacidade dos administradores, mas da política intencional e de longa data da oligarquia chinesa de manter o bem-estar em níveis muito baixos, a fim de poder direcionar fundos estatais para o benefício dos capitalistas. Uma política que continua sendo adotada até hoje: em 2019, o governo de Pequim lançou, como Donald Trump nos EUA, grandes e indiscriminados cortes de impostos, especialmente para empresas, que têm o efeito de reduzir significativamente os balanços patrimoniais. Administrações locais, que agora dispõem de menos recursos para o bem-estar e, em particular, para a saúde.

Além do contexto de inadequação do sistema administrativo e de saúde, o vírus se espalhou também porque a população não foi informada da situação real e, portanto, não adotou medidas de defesa: durante semanas nas primeiras páginas dos jornais e nos noticiários nacionais Xi Jinping, no perfeito estilo Stalin, desfilava com suas pomposas visitas oficiais à região de Yunnan e Mianmar, ou em outras situações, enquanto as

notícias sobre o que estava acontecendo em Hubei eram censuradas. Quando não foi mais possível silenciá-las completamente, elas foram minimizadas e relegadas marginalmente. Depois de aparecer na TV no final de janeiro em uma reunião do Comitê Permanente do Politburo, e ordenar ao Partido Comunista que trabalhasse no combate ao vírus, chamando-o de “diabólico”, Xi Jinping desapareceu completamente de cena por uma semana inteira. Foi um dos momentos mais dramáticos para o país, pois a atitude dele representou um sinal ao mesmo tempo de desprezo e medo para com seu próprio povo.

As autoridades chinesas, apoiadas por seus canais de propaganda, estão tentando passar a versão segundo a qual qualquer atraso ou ineficiência seria atribuível às autoridades locais. Sem tirar nada da culpa deste último, os detalhes que surgiram ao longo do tempo e já mencionados acima indicam claramente que a realidade dos fatos é muito diferente e que as autoridades centrais têm suas próprias responsabilidades diretas e sérias. O objetivo do regime de colocar toda a culpa nos administradores de Hubei é claro: sacrificar alguns líderes locais na tentativa de salvar a pirâmide do poder nacional e seus líderes. A tese de uma responsabilidade política exclusivamente local é, no entanto, a priori clara. Na China de Xi, os líderes do partido (primeiro na hierarquia) e os administradores locais (segundo) não são uma expressão das respectivas cidades ou províncias (nem nos termos eleitorais nem como lobistas locais), mas são selecionados e enviados em missão pelo centro, que os rotaciona regularmente para impedir que eles se enraízem no local. Portanto, mesmo se for admitido e de modo algum concedido que não haja culpa direta por Pequim, qualquer responsabilidade por eles se torna automaticamente uma responsabilidade das autoridades centrais.

Apesar da rigidez do poder central em não admitir nenhuma falha própria, alguns sinais sem precedentes atestam a

existência de rachaduras no sistema. O prefeito de Wuhan, embora admitisse suas próprias ineficiências, em vez de se limitar a curvar a cabeça, denunciou o fato de que ele não poderia agir na ausência de autorizações de cima, que vieram tarde demais. Além disso, a Suprema Corte anulou a sentença imposta a um grupo de médicos que haviam relatado a situação em Wuhan já em dezembro e haviam sido imediatamente censurados alguns dias atrás. Mas por que o regime de Pequim silenciou todos os alarmes até o final de janeiro e ficou inativo por semanas, causando uma crise gigantesca que afeta principalmente o povo chinês, mas também expõe o próprio regime a sérios riscos? Simplesmente, Xi Jinping e seus seguidores têm uma obsessão pela estabilidade política e social, que é uma consequência do medo que têm em relação ao seu próprio povo, de toda a sua mobilização ou descontentamento generalizado, um medo ainda hoje aumentado pela profunda crise que o modelo capitalista chinês enfrenta. Todo elemento de perturbação social deve primeiro ficar oculto e, em seguida, se não terminar, deve ser sufocado por medidas repressivas.

A principal explicação dada por vozes chinesas e internacionais sobre os atrasos na intervenção após a situação ficar clara em Wuhan no final de dezembro é que as autoridades de Wuhan não queriam atrapalhar o progresso do Congresso Popular local (o parlamento da cidade), agendada para 11 de janeiro. Mais uma vez, a atribuição de toda culpa aos líderes locais é uma ferramenta para absolver as autoridades centrais muito mais culpadas. É muito mais plausível que a infeliz decisão de Pequim de adiar a admissão da “crise dos coronavírus” e as intervenções maciças indispensáveis relacionadas tiveram um impacto muito maior no risco dos efeitos pesados que poderia ter tido em dois eventos fundamentais em janeiro: as eleições de Taiwan em 11 de janeiro e a assinatura do acordo tarifário da fase 1 com os EUA em 15 de janeiro. Não nos parece coincidência que a primeira admissão pública da epidemia grave tenha ocorrido

apenas alguns dias após o retorno da delegação chinesa de Washington.

Evidentemente, em Pequim, temia-se que uma China enfraquecida pela disseminação de um vírus grave tornasse-a uma figura ainda menor diante da derrota eleitoral já anunciada de suas forças de referência em Taiwan e seria incapaz de adotar a posição arrogante que adotou depois a derrota sofrida por seus referentes na ilha. E, acima de tudo, a chegada da delegação chinesa em Washington para assinar publicamente um acordo já embaraçoso para Pequim com o país, no domínio do surgimento de uma epidemia que se espalhou devido às ineficiências do regime, teria sido muito humilhante e teria dado aos EUA a possibilidade de embaraçar ainda mais Pequim, talvez com verificações médicas degradantes na delegação ou mesmo o cancelamento da assinatura por motivos de saúde.

2019-2020: uma epidemia de erros e falhas para Xi Jinping

A crise do coronavírus ocorreu justamente quando o regime de Xi alcançou o pico de uma incrível série de erros políticos graves cometidos em apenas um ano. Os erros que devem ser melhor entendidos, no entanto, devem ser lidos dando um passo adiante e analisando outros movimentos falsos cometidos em anos anteriores. Imediatamente após sua ascensão ao poder, no período 2013-2015, Xi tratou principalmente de consolidar seu controle sob o Partido Comunista, colocando, entre outras coisas, em posições estratégicas, membros do círculo restrito de seus partidários. Assim que esse objetivo foi alcançado, no entanto, uma grave crise financeira surgiu em 2015-2016, um sintoma de problemas econômicos mais amplos, uma crise que as autoridades conseguiram empurrar para debaixo do tapete sem no entanto resolvê-la, desperdiçando um trilhão de dólares em um tempo muito curto, isto é, um quarto das reservas de divisas do país.

Diante dos choques políticos que essa crise provavelmente

traria ao país, o regime escolheu o caminho do controle social e das repressões: não é coincidência que no mesmo período tenha desencadeado uma vasta operação de prisões e repressões contra ativistas democráticos e, em particular, os sindicais. Ao mesmo tempo, Xi tentou esconder os sérios problemas estruturais da China sob o manto de uma política de “grandeza tecnológica” e internacional, acompanhada de chauvinismo neoconfucionista e militarista. Até agora, parece ter atingido apenas e exclusivamente falhas na busca desses objetivos. Como o governo não adotou medidas concretas além de insumos de liquidez massivos e cada vez menos eficazes, os problemas econômicos não apenas permanecem sem solução, mas estão aumentando exponencialmente. A política de “grandeza” teve efeitos opostos aos esperados. A “iniciativa Belt and Road”, mais conhecida em italiano como a Grande Rota da Seda, ficou turva em uma série infinita de problemas devido à sua intrusividade e gigantismo, causando muitos inimigos na região de Pequim e poucos amigos hipócritas pronto para abandoná-lo ao primeiro sinal de crise: o resultado é que, se o projeto ainda for oficialmente prosseguido como se nada tivesse acontecido, na realidade torna-se real um substancial redimensionamento. O mesmo se aplica ao grande plano tecnológico “Made in China 2025”, que, em vez de ser realizado silenciosamente e sem nomes ou proclamações sonoras, como teria sido aconselhável, foi trombeteado pelo regime em todo o mundo, por razões também de prestígio interno diante de seu povo, com o resultado de que, devido aos medos assim causados entre seus concorrentes, a China é agora objeto de uma guerra tecnológica internacional, que vê os EUA na primeira fila e coloca hipotecas extremamente pesadas em sua potencial de ascensão futura. Finalmente, quando mobilizações de trabalhadores, feministas e estudantes se espalharam por todo o país em 2018, depois de ter obtido a possibilidade de permanecer como presidente vitalício do Congresso do Povo em março do mesmo ano, Xi Jinping provocou uma onda de repressões sem precedentes, o que representa um salto qualitativo no regime autoritário. Agora, na China, não há mais apenas

ativistas que acabam presos há anos, mas também as mortes de tortura, os desaparecidos e, em Xinjiang, com maioria muçulmana, existe até campos de concentração. No entanto, o último caso também está se revelando um erro para Xi Jinping: a intensificação orwelliana das repressões implementadas após 2016 não está apenas causando um problema de imagem internacional contraproducente para Pequim, mas também está minando seu objetivo de alterar a composição demográfica da região, dado que a situação está levando muitos chineses da etnia han, considerados pelo regime como seus colonos, a abandoná-lo ou desistir de se mudar para lá.

A esta série já nutrida por graves erros políticos, Xi Jinping, evidentemente cada vez mais distante da realidade no clima de repressões e poder oligárquico que ele próprio estabeleceu, acrescentou em 2019 uma incrível série de derrotas humilhantes. Talvez satisfeito por ter reprimido qualquer dissidência no ano anterior e por alguns sinais ilusórios de estabilização da economia, no início de janeiro de 2019 ele anunciou para Taiwan o mesmo regime de “um país, dois sistemas” adotado para Hong Kong e extremamente impopular com habitantes da ilha, reservando explicitamente a opção de intervenção militar para “reunir” Taiwan com a China.

Em 11 de janeiro, apenas um ano após suas posições ousadas, as forças pró-Pequim sofreram a derrota historicamente mais pesada já registrada na história nas eleições presidenciais e políticas, dominadas pelos ativistas da independência. Três décadas da política de Taiwan em Pequim acabaram no lixo num piscar de olhos e o aumento do clima de independência em Taiwan representa um objetivo político sensacional para a República Popular da China. Alguns meses depois, Carrie Lam, procônsul de Xi em Hong Kong, lançou uma proposta na comissão de extradição de Pequim que é invisível para a maioria da população, porque pode ser usada como uma ferramenta de controle repressivo na China continental. A iniciativa rapidamente provou ser um erro estratégico colossal: por mais

de seis meses a cidade se viu em um estado semi-insurrecional, período durante o qual Pequim errou novamente, desde a adoção inicial de uma posição absurdamente rígida para as concessões subseqüentes que foram completamente inúteis porque foram adiadas pelas ameaças virulentas da intervenção da força as tornaram não credíveis porque nunca foram implementadas devido à derrota vergonhosa registrada pelos partidos pró-Pequim nas eleições administrativas de novembro. Como se isso não bastasse, em 2019 Xi e sua equipe também se mostraram completamente incapazes de combater efetivamente a guerra tarifária iniciada por Donald Trump. Na primavera, talvez eles puderam lidar com um acordo menos pesado, que teria congelado as taxas no nível em que estavam na época, ou seja, 10%, mas o resultado da linha rígida escolhida por eles, com muita referência de Xi Jinping para uma nova “longa marcha” heróica estava no final da assinatura do chamado acordo de fase 1 no mês passado, com o qual a China assume pesados compromissos unívocos com os EUA, obtendo quase nada em troca, ou seja, uma redução entretanto, pouco mais do que o nível médio de 21% alcançou cerca de 19%: tudo, menos a heróica longa marcha, foi uma viagem apressada!

Embora Pequim tenha obtido pelo menos uma trégua frágil com relação às tarifas, a ameaça dos EUA de uma guerra tecnológica e financeira – contra a qual a China, especialmente no segundo caso, tem muito poucas armas para se defender – continua pairando sobre o país. Para piorar a situação, também em termos da imagem da liderança chinesa entre seu povo, chegou a epidemia de peste suína, que matou quase metade dos porcos no país. Os preços da carne dispararam e enormes massas de chineses tiveram que desistir desse alimento básico de sua dieta. A epidemia de peste suína foi um prólogo da do coronavírus: mesmo neste caso, a disseminação da doença se deve à total ineficiência demonstrada pelas autoridades em contê-la.

Finalmente, 2019 terminou com sinais de extremo alarme para a

economia nacional. Houve corridas para bancos regionais e resgates de instituições financeiras que custaram bilhões aos cofres do Estado, um número crescente de empresas, mesmo as grandes, não conseguem pagar seus credores e, em alguns casos, os buracos estão na casa dos centenas de milhões dólares ou mesmo bilhões, os lucros das empresas estatais estão em declínio acentuado, uma indústria de importância fundamental, como a indústria automobilística, cai verticalmente há dois anos, o mercado de trabalho luta para absorver, os jovens procuram emprego e a dívida total chinesa atingiu um novo recorde em 310% do PIB.

Mas depois de desperdiçar um trilhão de dólares em reservas em 2015, Pequim agora tem uma arma a menos para lidar com emergências: os três trilhões que restam não podem ser afetados, exceto em extensão limitada por um país do tamanho da China, que deve ter reservas substanciais para garantir seus compromissos comerciais. Uma situação que atravessaria uma crise econômica com um aumento nos custos sociais e de saúde causados pela epidemia tornaria Pequim incapaz de defender adequadamente sua moeda, seu sistema financeiro e seu comércio exterior.

Dado o desastroso currículo acumulado, já nos últimos meses era legítimo especular que no Partido Comunista Chinês havia descontentamento com Xi Jinping. A ineficiência que sua equipe demonstrou em dezembro-janeiro no gerenciamento do surto da crise do vírus certamente afetou ainda mais sua imagem. Nos últimos meses, a mídia começou a chamá-lo triunfantemente de "líder do povo", elevando-o implicitamente ao mesmo nível de Mao Zedong, título que em dezembro foi oficializado mesmo pelo uso do Politburo do PCC. Provavelmente, no entanto, ao invés de um sinal da força de Xi Jinping, é um chamado para fechar as fileiras no país quando seus líderes correm o risco de perder a coesão. Portanto é um sinal de fraqueza ao invés de força. Mas no topo do Partido, em que Xi fez uma varredura sobre qualquer forma de "liderança coletiva" que sempre

existiu de alguma maneira, tanto sob Mao quanto após sua morte, não parece haver nenhuma mudança ou alternativa em potencial a um círculo restrito como o de Xi, que está se mostrando cada vez mais inepto. A única figura que, no entanto, com uma imagem tecnocrática e não política, poderia se propor como alternativa a Xi é a do primeiro-ministro Li Keqiang, mas há anos parece estar politicamente isolado demais e sem um apoio suficiente.

Ainda é possível que a epidemia possa ser drasticamente controlada em tempos não fatais, ou seja, dentro de um mês ou mais. Também é possível que, caso isso aconteça, o Partido Comunista consiga promover esse resultado como seu próprio sucesso em uma atmosfera de alívio geral. Se essa hipótese se concretizar, a queda nos principais índices econômicos que certamente serão registrados no primeiro trimestre se traduzirá automaticamente no segundo em um aumento significativo que pode ser vendido pela propaganda como um sucesso adicional. Em suma, nesse caso, os líderes políticos poderiam desfrutar de um alívio de dois ou três meses, mas depois poderia-se voltar ao emaranhado inextricável de problemas descritos acima. O certo é que, mesmo que as hipóteses mais otimistas sejam concretizadas, a crise desencadeada pela ineficiência de Xi e seus aliados deixará marcas indeléveis ao longo do tempo. Antes de mais, dezenas e centenas de milhões de pessoas que, embora em graus variados, estão sofrendo as dramáticas conseqüências. Mas também no contexto econômico e internacional mais geral, pois muitas empresas importantes já estavam se mudando da China e os gigantescos problemas causados pelas ineficiências estruturais de Pequim, que deram o aval para o vírus, serão um incentivo adicional para reduzir o papel do país nas cadeias de suprimentos mundiais no futuro. E, em geral, o prestígio internacional da China sofrerá, por exemplo, entre os países da Rota da Seda ou na vizinha Coréia do Norte, para dar apenas dois dos muitos exemplos possíveis. No entanto, se a epidemia se espalhar e continuar por um período de mais de um ou dois

meses, os resultados provavelmente serão desastrosos em todos os níveis para a China.

Fora Xi Jinping!

A atualidade conecta-se à um caso recente particularmente cruel de onda de repressões desencadeada pelo regime de Pequim. Em julho de 2019, Wang Meiyu, que no passado havia lutado contra as remoções de casas pelas autoridades que serviam aos especuladores, foi preso em Hengyang pelo mero fato de ter saído na rua mostrando uma placa dizendo: “Fora Xi Jinping e Li Keqiang! Eleições livres!”. Wang, 38 anos e em perfeito estado de saúde, foi preso por acusações gerais de perturbar a ordem pública. Depois de pouco mais de dois meses, o cadáver foi devolvido à família, com sinais óbvios de tortura e sem qualquer explicação sobre os motivos de sua morte (a história foi contada entre outros pelo Guardian e pela RFA).

A mensagem de Wang, em sua simplicidade elementar, soa hoje, diante da crise do coronavírus, profética e completamente eficaz. O primeiro passo a ser dado para sair da situação de repressões generalizadas, exploração ilimitada e crise sistêmica da China é o da remoção da oligarquia que governa. O isolamento de dezenas de milhões de pessoas em Hubei e em outras províncias e cidades da China poderia, teoricamente, ser o terreno fértil para formas de auto-organização a partir de baixo, diante das incapacidades e assédio das autoridades, mas o terror justificado do povo por contatos sociais em risco de contágio o impedem por enquanto.

A dramática experiência comum vivida com certeza, no entanto, permanecerá na consciência dessa enorme massa de pessoas. Talvez também neste caso, como em outros, a incapacidade do regime de Xi Jinping e os desastres ou derrotas resultantes gerem paradoxalmente efeitos positivos. A aceleração dada por Xi à promoção de ideologias patriarcais, por exemplo, foi contrabalançada por um renascimento do feminismo no país.

Contra suas políticas reacionárias, pode-se ver o embrião de disseminação de um movimento de jovens marxistas radicais. A intensificação da exploração de vastas categorias de trabalhadores deu impulso às lutas sindicais generalizadas. Se por um momento esses rumores foram silenciados sob repressões implacáveis, seu eco permanece. A arrogância e a frouxidão política de Xi e seus aliados também fortaleceram a resistência de Hong Kong e Taiwan às reivindicações imperiais de Pequim, com o desenvolvimento de experiências de luta insurrecional e mobilização pacífica maciça pela autodeterminação. Experiências enérgicas poderiam ter efeitos contagiosos ao longo do tempo, mesmo na China continental. E agora o fracasso do regime em impedir a propagação do vírus poderia criar condições adicionais para a conscientização de vastas massas de chineses. Antes de Xi, todos esses sinais de despertar e ativismo não estavam lá, ou eram infinitamente menores em tamanho. Portanto, se o convite para renunciar movido pelo falecido Wang Meiyu permanecer inteiramente válido, Xi Jinping talvez deva ser reconhecido como tendo algum mérito, embora certamente não seja atribuível a suas intenções.

Artigo em italiano:
<https://crisiglobale.wordpress.com/2020/02/06/cina-il-virus-di-xi-jinping/>

Publicado também em:
<https://anticapitalista.org/2020/02/12/cina-il-virus-di-xi-jinping/>